

CASA DE
CAMILO



Noites de Insónia

5 junho 2019

Formador: Sérgio Guimarães de Sousa

Local: Casa de Camilo – Centro de Estudos (S. Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão)

QUE SEGREDOS SÃO ESTES?...

Fosse terror ou sentimento fosse
De mais oculta origem...

GARRETT.

A pálida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido.

CAMÕES.

I

— FUI hoje ver à casa da saúde o Duarte Valdês.

— O nosso companheiro de casa em Coimbra?

— Justamente.

— Que tem ele?

— Os dias contados.

— Tísico?

— Perguntei ao doutor Arantes que doença era a do Valdês. Fez com os ombros um trejeito significativo de que a medicina nem sempre tem alçada para devassar das doenças que matam, e denominá-las com terminações inflamatórias gregas. Quando, porém, é a alma que mata o corpo, os médicos lavam daí as mãos como o governador da Judeia.

Tive este diálogo, em Lisboa, há hoje doze anos, e, seguidamente, fui à casa da saúde no Largo do Monteiro.

Quando, na ida, atravessava o Jardim da Estrela, sentei-me a encadear as lembranças vagas e desatadas que eu tinha de Duarte Valdês.

Três épocas me ocorreram.

Primeira, a da nossa jovial convivência em um casebre da Couraça dos Apóstolos, em Coimbra, no ano 1845. Segunda, outra menos modesta e menos alegre camaradagem de quarto, no Hotel Francês, do Porto, em 1851.

Antes de mencionar a terceira época, urge saber-se que nenhum de nós se formara. Ele contentara-se com um diploma de insuficiência em retórica, e eu com a prenda não comum de arpear três vários fados na viola. Não rivalizávamos em ciência. Formávamos da nossa recíproca ignorância um conceito honesto. Não queríamos implicar com sábios, nem para os invejar nem para os detrair.

A terceira época ou terceiro encontro foi em 1856. Vi-o em S. João da Foz, e ouvi-lhe revelar misteriosamente que estava emboscado em uns arvoredos, entre Lordelo e Pasteleiro, com uma extremosa e estremecida menina, fugida aos pais. Não me recordo os pormenores destes amores que ele me disse serem os primeiros e últimos. Tenho, porém, a certeza de que me ri duns *amores últimos*, aos vinte e cinco anos de idade.

Naquele tempo a fuga de uma menina qualquer não era sucesso por tanta maneira horrível, que eu devesse desmaiar na presença do meu celerado amigo. Eu já contava então uns decrépitos vinte e nove anos, e conhecia vários acontecimentos impudicos, por exemplo, aquele da D. Hermenegilda de Amaranthe, que eu exibi às lágrimas do público sensível nas *Cenas da Foz*. Aquela espécie de película carmesim que acetina a epiderme do rosto, e se chama *pudivícia* nos drogistas da moral, tinham-na delido as águas lustrais da nossa civilização pagã, para o que também muito contribuíram as reuniões semanais da Filarmónica, na Rua das Hortas, onde os rabecões entravam cheios de cupidos e saíam cheios de suspiros. Muitas senhoras portuenses, que hoje cedem a primazia da ternura às filhas, viram naquelas salas da Filarmónica os anjos com quem se maridaram. Os anúncios das festas líricas, enviados dos corações aos corações, rezavam assim: *Sábado, às 7 da noite, música de Mozart, e Laços de Himemeu*. Tudo antigo e bom.

Isto veio a propósito de eu não ter uma congestão de pudor, quando Duarte Valdês me segredou que se embrenhara nas sel-

vas rumorosas do Pasteleiro com uma menina perdida de amor, e tão cega de alma que já não via na imaginação, sequer, as lágrimas da mãe, e o mortal abatimento do pai que a amaldiçoava.

II

O enfermeiro-mor da casa da saúde conduziu-me ao quarto de Duarte. Com certeza, se eu o encontrasse desprevenidamente, não o conheceria. O espasmo dos olhos seria bastante a desfigurar-lhe as outras feições, quase sumidas na desgrenhada cabeleira e nas barbas. Imobilizava-lhe o semblante a sinistra quietação da demência contemplativa.

Também ele me não reconheceu a mim, sem que eu lhe dissesse o meu nome. Fitava-me com repulsão, como se a presença de um desconhecido o molestasse fortemente; porém, depois que eu me nomeei, saiu do torpor, levantou-se de golpe, e abraçou-me com transporte.

— Que tens tu, Duarte?... Estavas aqui e não me participavas?

— Eu não sabia que estavas em Lisboa, nem tinha a vaidade de supor que ainda me conhecesses. Desde que te falei na Foz, em 1856, nunca mais nos encontramos nem escrevemos.

— É verdade; mas nem por isso me eram estranhos os principais passos da tua vida. Soube que casaste...

— Sim... casei...

— Com aquela menina que então... estava contigo?

— Não... — respondeu Duarte com assombrado aspecto e um sacudir de cabeça indicativos de azedume por tal pergunta.

Hesitei, à vista de tão súbita mudança, se devia prosseguir em tal interrogatório. Foi ele quem interrompeu o silêncio, repetindo:

— Não, não casei com essa... — e acrescentou, pondo-me no ombro a mão trémula — casei com outra... que já morreu...

— Morreu?

— Sim, morreram ambas; matei-as eu...

E, erguendo-se, travou-me do braço, levou-me consigo para

a janela, que abria sobre um jardim, alongou a vista na direcção da cúpula do Convento de Jesus, fez um gesto com a mão direita apontando para o céu, e quis dizer umas palavras que, abafadas pelos gemidos, pareciam rever-lhe nos olhos em lágrimas copiosas.

E eu, que poderia imaginar agora frases muito a propósito da situação do meu amigo, não as invento, porque não lhas disse então.

E quem seria mais verboso que eu, em lance tão desusado? Se ele, com efeito, havia matado as duas mulheres, eu, na verdade, não devia ensaiar maneiras de o consolar, dizendo-lhe que, se as matou, fizera muito bem. Figurou-se-me que Duarte falara figuradamente. Porque há muitos sujeitos, ainda mal, que vivem penalizados com remorsos de ter matado certas senhoras, sem ao menos admitirem que os médicos colaborassem com eles. Ora eu que reputara, noutro tempo, aquele Duarte Valdês tanto ou quê desarranjado pelas novelas, atribuí ao seu romanticismo a parte odiosa no assassinio das duas senhoras.

Passados alguns segundos, fiz-lhe esta vulgaríssima pergunta:

— Como as mataste tu?

— Despedaçando-as uma contra a outra.

Pode ser que o leitor esteja sorrindo; saiba, porém, que o tremor daquelas palavras vibrava tanto do seio do aflito moço que uns calefrios me correram a espinha, e o turvamento das lágrimas me embaciou a vista. Situações análogas terá experimentado o leitor no teatro. Duas palavras, em uma ficção dramática, exprimidas pelo actor que pintou os vincos da desgraça no rosto com fino pó de carvão, obrigam às lágrimas pessoas que não chorariam, se a desgraça fosse com elas.

— Chora, chora! — me disse ele, com veemente exaltação. — Preciso que me chorem, porque... eu morrerei, adorando as duas mulheres que matei... e ninguém me há-de chorar.

— Podes tu contar-me a tua história? — perguntei eu.

— Posso... quero contar-ta; mas receio que ma não creias... A minha família e os médicos da província dizem que eu me deixo matar pela superstição, indigna da minha inteligência... É um fantasma que me mata, dizem eles... Ah! se o vissem! se eu te pudesse contar...

— Mas olha, Duarte, conta o que puderes... Eu hei-de compreender das tuas dores alguma cousa mais que o vulgar dos homens. Até as superstições, se as tens, eu tas entenderei; porque há infortúnios que não podem entender-se sem a intervenção de alguma cousa sobre-humana.

— Pois então, vou contar-te a minha desastrada vida... Aquela infeliz menina que esteve na Foz, há dez anos — começou Duarte com pausadas intercadências — seria a minha bem-aventurança, se eu não viesse a este mundo com a predestinação dos réprobos. Meu pai, desde que eu a tirei da casa paterna, ganhou-me entranhado ódio; não por causa da culpa; mas com receio que eu remediasse a culpa com o casamento. O seu primeiro acto de vingança foi dar a casa a meu irmão, e reduzir-me a um património tão escasso que não chegaria às minhas despesas de dous anos. Maria do Resgate era mais pobre que eu. Não desisti ainda assim de casar com ela. Pedi um emprego com a eloquência da virtude desgraçada, já quando a minha subsistência corria por conta dos pais de Maria. Estava eu em véspera de ser despachado amanuense do Governo Civil de Bragança, quando meu pai conseguiu inutilizar os esforços humilhantes que eu fizera para adquirir tão mesquinho emprego. Fui ajoelhar aos pés de meu pai: estava ao pé de mim, para me defender dos primeiros ímpetos da ira dele, minha mãe. Eu pedi-lhe simplesmente que não se opusesse à minha colocação. Respondeu que se dava por aviltado, se seu filho fosse exercer tão ignóbil ocupação; e, sem me dar a confiança de questionar com o seu orgulho, disse que me dava recursos para estar dous anos em Lisboa, ou o tempo necessário para me esquecer da filha do procurador de causas.

Minha mãe chamou-me de parte e aconselhou-me que anuísse; na certeza de que, no espaço de dous anos, se eu não esquecesse Maria do Resgate, ela conseguiria o consentimento de meu pai.

Cedi forçado pela extrema necessidade. Maria, tão confiada em mim quanto eu confiava no meu próprio coração, acedeu na ausência dos dous anos. Assim que eu saí para Lisboa, saiu ela para um convento de Bragança.

Cheguei aqui, e encontrei dinheiro em abundância, relações

mulheres, liberdade, distrações, teatros, ceias, um desafoço de vida tão agradável quanto amargurado me tinha corrido o último ano.

Às vezes, em meio dos meus divertimentos, assaltavam-me remorsos. Era então que eu respondia às cartas apaixonadas de Maria, e perguntava a minha mãe se já tinha conseguido amolecer o duro coração de meu pai. Respondia-me que esperasse, e Maria respondia-me que esperava uma de duas cousas, que ambas lhe serviam: sair da sua cela para mim ou para a sepultura. Os meus amigos viam estas cartas, e riam-se da minha credulidade.

Ao cabo de um ano, os remorsos que me incutiam as cartas já nem a virtude tinham de as inspirar verdadeiras. Maria graduou por elas o sentimento frio que as disfarçava, e disse-me que eu era tão ingrato que nem ao menos a deixava morrer enganada.

Aborreciam-me já as lástimas e a obrigação de as consolar. Sentava-me constrangido para lhe escrever. Já me queixava da sua pertinácia em me acusar de ingrato, quando ela mesma se acomodara à cruel necessidade da separação. Culpando-a de indiscreta, perguntava-lhe se queria para marido um homem que teria de mendigar ou roubar para sustentá-la. Aqui havia uma oculta infâmia na mentira. Se eu pretendesse em Lisboa um emprego, tê-lo-ia, suficiente à sustentação de uma família modesta; mas eu, desde que pisei os tapetes dos salões, pensava em ter salões com tapetes, e desde que as carruagens dos meus amigos me levaram aos teatros, desejei possuí-las para me desquitatar de obrigações aos meus amigos. Eu estava perdido como meu pai me desejara; estava desonrado bastantemente para desviar a imaginação da filha do procurador de causas, quando as titulares de Lisboa me perguntavam quem era a rainha dos bailes.

Ao fim de dous anos, minha mãe, quando eu já não perguntava o resultado das suas diligências, avisou-me que meu pai vinha a Lisboa, na companhia de um nosso primo e de nossa prima, chegados do Brasil com o propósito de nos visitarem.

Estes nossos primos eram naturais do Rio de Janeiro. Ali ficara meu tio, pai deles, quando meu avô, que para lá fora com o príncipe regente na qualidade de desembargador do paço,

voltou para Portugal. Eu sabia destes parentes, e muitas vezes meu pai dissera que seria convenientíssimo casar um de seus filhos com a prima brasileira, cuja fortuna rendia mais num mês que toda a nossa casa em um ano.

Confesso-te miseravelmente que me sobressaltou o aviso da vinda de minha prima. Vi salões com tapetes e vi as suspiradas carruagens. Quem eu não vi foi a imagem de Maria do Resgate.

Minha prima Olinda era adorável, ainda sem riqueza.

Este conceito que formei ao vê-la e ouvi-la, dispensou-me de o formar, de mim, de grande vilão. Amnistiava-me com a ideia de que, sendo ela pobre, eu a queria para esposa. Amei-a, é certo que a idolatrei. Não tenho outra virtude que contrabalance com os meus delitos na presença de Deus, e dela e da outra desgraçada.

Havia dous meses que Maria do Resgate me não escrevia, quando aqui chegou Olinda, e, passados dous meses, saía eu de Lisboa, casado com minha prima, a ir visitar minha mãe, para depois ir ao Rio receber os trezentos contos de minha mulher, e dali passarmos a residir em Lisboa, num palácio, com tapetes e carruagens.

Meu pai foi adiante preparar as festas da recepção, e ornamentar as salas para o baile, e a hospedagem para os convidados da nossa grande parentela.

Entrei profundamente triste na minha vila. As janelas da casa de Maria do Resgate estavam fechadas como se houvesse ali morrido alguém. Nas casas vizinhas, havia senhoras e crianças que choviam abadas de flores sobre o nosso carro.

Pouco depois que saímos da mesa do jantar, atravessei com minha mulher a sala de espera, para descermos ao jardim. Neste trânsito, vimos sair de um canto da sala uma mulher trajada de luto, que marchou de encontro a Olinda, sem levantar o véu espesso do rosto.

Não a conheci; mas mal podia suster-me de convulso.

— Que tens?! — disse minha mulher. — Esta senhora parece que tem alguma cousa que me dizer...

— Tenho, sim, minha senhora — acudiu a mulher de luto — V. Exc.^a não me conhece nas salas de seu marido, porque eu sou a viúva de um pobre procurador de causas que morreu

há quinze dias, quando perdeu a esperança de ver remediada a desonra de nossa filha. Enquanto ela teve pai, embora perdida no conceito do mundo, tinha o pão, que seu pai lhe ganhava; mas agora, reduzida à orfandade, à pobreza e à desonra, venho implorar a V. Exc.^a que a receba como sua criada, visto que foi seu marido que a perdeu. V. Exc.^a fará o que a sua virtude e caridade lhe aconselhar.

E saiu sem esperar resposta.

Estas palavras ouço-as ainda como se a alma da mulher que as disse mas estivesse escrevendo na consciência com um estilete de fogo.

— Que é isto? — perguntou-me minha mulher.

— É uma desgraça que eu te contarei — respondi torvamente.

— Conta-ma já, e remediemo-la sem demora — tornou ela.

Escondi-me com Olinda no mais sombrio do jardim, e tudo lhe referi com a sinceridade de um penitente. Ela ouviu-me com semblante carregado, avincando a testa, e às vezes com sinais de compaixão, que decerto não era por mim.

Depois, ergueu-se, repeliu com brandura a minha mão que lhe acariciava o rosto e murmurou:

— Eu ignorava tudo isto. Desgraça irremediável... ora! Eu quero falar com a mãe dessa infeliz menina.

E assim que foi noite fechada, saiu com um escudeiro, que a conduziu a casa da viúva do procurador.

Suspeito que a conferência versou sobre a rica dotação de Maria do Resgate: A viúva repeliu a proposta, porque minha mulher, voltando ao seu quarto, disse, como se ninguém a escutasse:

— As desonradas... decerto não são elas.

— Até aqui — prosseguiu Duarte Valdês — não há nada maravilhoso na minha história...

— Decerto não; tudo vulgar — obtemperei eu — sabia centúrias destas histórias, cuja trivialidade nenhum romancista de tino hoje em dia aproveita da fardagem dos vícios comuns.

— O horrível maravilhoso começa agora — continuou Duarte. — Passados vinte dias, divulgou-se a notícia de estar moribunda, no Convento de Bragança, Maria do Resgate. E em uma das seguintes noites, estando eu a dormir profundamente em

um leito próximo do de minha mulher, acordei, sentindo no pescoço os apertões convulsos de duas mãos que me estrangulavam; e, abrindo os olhos, vi distintamente nas trevas o rosto macerado de Maria muito perto do meu rosto; e, ao mesmo tempo que as suas mãos me asfixiavam, sentia que o joelho dela me esmagava o coração. Neste lance dei um grito, e ouvi o estrebuchar de minha mulher, que soltava uns gemidos aflitíssimos, como se lá sentisse angústias de sufocação iguais às minhas. Saltei do leito, e fui à recâmara buscar a lamparina. Quando voltei, minha mulher estava de joelhos à beira da sua cama, com as mãos postas, com as faces cobertas de lágrimas, e os olhos esgazeados de terror.

— Que é isto, Olinda? — exclamei.

E ela, escondendo o rosto entre as mãos, murmurou:

— Vi agora a desgraçada menina que tu abandonaste. Já estava amortalhada. Era formosa como as mártires, e bem mais linda do que eu... Disse-me adeus... Sabia que eu tinha chorado por ela... Veio dizer-me que estava remida das suas dores.

Eu não disse a Olinda que também vira Maria do Resgate.

O meu terror abafava-me a voz na garganta. Recorri à oração... — eu que desde a infância não tinha orado. Fui ao quarto de minha mãe; acordei-a; pedi-lhe que viesse comigo para o oratório. Contei-lhe as torturas da minha visão, e a visão de Olinda. Ela pegou de tremer e chorar. Se eu lhe dizia, sobreposse, que a coincidência dos sonhos podia acontecer, sem intervenção do fantasma de Maria, minha mãe não achava isto possível, e mais me trespassava de horror.

No dia seguinte, chegou a notícia de ter expirado à uma hora da noite antecedente a reclusa do Convento de Bragança. A pessoa que trouxe a nova era encarregada de me entregar o maço de minhas cartas. Em volta das últimas, que eu lhe escrevera de Lisboa, havia uma cinta de papel e um escrito interposto com estas palavras:

Quando receber isto, que lhe deixo para se convencer de que não há testemunho escrito da sua crueldade, a mais feliz serei eu, porque estarei morta. O senhor decerto nunca será feliz, porque infâmia e boa consciência não se encontram juntas. Perdoo-lhe o que me fez

mas não posso perdoar-lhe a morte de meu pai nem o desamparo em que fica minha mãe.

Resta-me dizer-te — ajuntou Duarte, arquejando de cansaço e comoção — que minha mulher desde aquela hora nunca mais teve um instante de alegria nem saúde. Viemos, passados dias, para Lisboa. Daqui partimos para o Rio de Janeiro. Ao cabo de oito meses, eu estava viúvo, e rico, muitíssimo rico, e cada dia, cada hora mais desgraçado, mais combalido de uma enfermidade indescritível. Voltei ao seio de minha família. Já não encontrei minha mãe; e a presença de meu pai coava-me nas veias um estremecimento de pavor. Há cinco anos que arrasto esta vida sem a coragem de a despedaçar. Sinto ainda na garganta a pressão dos dedos fincados do fantasma. Ajoelho-lhe, alta noite, e imploro-lhe que me deixe morrer sossegado. Peço à alma de minha mulher que suavize com palavras compassivas a vingança da desgraçada que deve estar na presença de Deus... Enfim...

E não prosseguiu, porque neste momento entrava o doutor Arantes, o previsto médico da casa da saúde, que, sem ouvir esta narrativa, sabia que aquele enfermo devia morrer, pela mesma razão misteriosa que muitos atacados de semelhante mórbus engordam e porejam saúde por todos os orifícios da sua enxundiosa epiderme.

*
* * *

Duarte Valdês, que ainda vi na véspera da sua ida para a Madeira, foi e não voltou. As súplicas de Olinda lograriam que a misericórdia divina o resgatasse da presa do seu remorso.

Que segredos são estes de Natura?

perguntaria Luís de Camões.

Camilo Castelo Branco